

ORAÇÃO NA AÇÃO

CEI
SUPLEMENTO - 18



ORAÇÃO NA AÇÃO

contribuição à espiritualidade da libertação

FREI BETTO - 1977

(carlos alberto libanio christo)

| | |
|--|----|
| O QUE É REZAR? | 2 |
| Um velho Conflito | 3 |
| AS TENTATIVAS DE SUPERAR O DUALISMO | 5 |
| 1. Oração e Ação | 5 |
| 2. A Ação como Oração | 6 |
| 3. A Oração como Ação | 7 |
| UM DUALISMO ESTRANHO AO EVANGELHO | 9 |
| A Unidade Evangélica | 10 |
| A DIMENSÃO POLÍTICA DA ORAÇÃO | 13 |
| A União com o Pai na União com o Povo | 15 |
| A Vida no Amor | 18 |
| A Base Econômica da Graça e da Desgraça | 20 |
| “SENHOR, ENSINE-NOS A ORAR” | 23 |
| A Oração Vocal | 25 |
| A Oração Mental | 28 |
| A Oração Contemplativa | 30 |
| A Oração de Súplica | 33 |
| A Oração de Louvor | 35 |
| A Oração Eucarística | 37 |

| | |
|-----------------------------|----|
| QUATRO ORAÇÕES | 40 |
|-----------------------------|----|

CEI - SUPLEMENTO 18 - JULHO, 77

Diretor-responsável: Domicio P. de Matos; *Redator:* Carlos A. C. da Cunha; *Conselho Redatorial:* Carlos R. Brandão, Elter D. Maciel, Jether P. Ramalho, José Sotero Caio, Marlene R. Campante, Rubem A. Alves.

Impressão: Princeps Gráfica e Editora Ltda. — R. Teodoro da Silva, 574.

Distribuído aos assinantes do CEI.
Assinatura anual: Cr\$ 90,00 — Avulso: Cr\$ 8,00 — Cheque pagável em nome de: **Tempo e Presença Editora Ltda.**
— Cx. Postal 16.082 — Zc-01 — 20.000 — Rio de Janeiro — RJ.
Registrado de acordo com a Lei de Imprensa.

O Evangelho está carregado da espiritualidade da ação em cada página. Tal espiritualidade projeta-se para um homem livre, pleno, dentro de uma comunidade também livre. A libertação se concretiza na medida em que os homens se desvencilham dos poderes escravizantes engendrados e arquitetados no individualismo egoísta — principal excrescência do pecado. Os discípulos, notando ao redor, as forças da iniquidade que se opunham — sob mil disfarces — ao Reino de Deus, sentiram a necessidade de permear a própria ação no mundo, do espírito de Cristo, o Deus-em-carne. Percebendo ainda a maneira pela qual o Mestre integrava a vontade do Pai com a ação e como tinha imensa tranqüilidade quanto ao fim das contradições e ao advento do Reino, pedem-lhe para que os ensine a orar. E Jesus prontamente lhes dá não uma reza, mas um conteúdo de vida e oração, oração e vida.

De repente a “aula” do Mestre invade o particular, o social, o econômico, o político. Parte do reconhecimento do Absoluto (Pai que estás nos céus), do louvor (santificado seja); passando pelo Reino (venha o teu), a vontade, o pão, a verdadeira compreensão; e se enfeixa com um estado de luta permanente nas palavras tentação e maligno (mal). Todo um conteúdo de vida multidimensional.

Frei Betto é muito feliz neste artigo de cinco partes. Começa por desmistificar o complexo alienante de certas orações: “Para muitos cristãos o dualismo oração e ação poderia ser superado pela alternância entre períodos de trabalho e de oração; para outros, os militantes leigos, seria considerar oração a própria ação, a síntese ao nível da consciência iluminada pela fé; para outros ainda o dualismo se recupera nas experiências (movimentos carismáticos) em que a oração absorve a ação. Em Jesus — declara o autor — há uma perfeita adequação entre oração e ação.” Afirma o conteúdo ideológico da oração. A oração vocal — “a fase do namoro”; a oração mental — “o noivado”; e a oração contemplativa — “a etapa das núpcias” onde o amor de Deus se torna eficaz em nossa vida. Na oração comunitária da súplica, “uma situação de futuro que ainda não existe”; na de louvor, o paradoxo da comunidade experimentar a perseguição como “um sinal feliz de sua não-cumplicidade”; e na eucarística o povo que “celebra a morte do Senhor e sua ressurreição... memória perigosa para os poderes dominantes”. Nela uma nova ordem de coisas — “a experiência da contemplação em escala social.” Frei Betto nos provoca neste estudo. Quer promover “re-flexão”, balançar as posições “quentes” de um pentecostalismo mágico e as “frias” de um simples ativismo, para nos engajar numa “história engravidada pelo Amor.”

O Que é Rezar ?

Num mundo sacral e teofânico a nossa fé era simples, espontânea, talvez pouco pessoal, mas aparentemente muito mais esclarecida. As definições precisas e as respostas claras, a precisão do dogma e a firmeza da ortodoxia, alimentavam a nossa fé. Nesse contexto, era fácil rezar. A oração dispunha de formulações estereotipadas, enquadrava-se em esquemas fixos, adaptava-se a horários determinados. Era uma obrigação a cumprir. A oração fazia parte do contexto cultural.

Vivemos agora dentro de um novo contexto. Já não conseguimos orar nos moldes antigos. Mas, por outro lado, sentimos certa dificuldade em encontrar uma nova maneira de rezar. Nesse embaraço, experimentamos um profundo questionamento quanto ao valor, ao conteúdo, à fórmula e à necessidade da oração (1).

Não conseguimos adequar nossa oração ao rigor científico de nossa racionalidade e às exigências técnicas de nossa operacionalidade. Suspeitamos do caráter mítico, infantil, ingênuo da oração. Sabemos que ela faz parte da vida cristã; não sabemos é onde colocá-la dentro de uma vida cristã secularizada.

Ficamos perdidos em relação à oração pessoal. O que é orar sozinho, fechado no quarto ou isolado em algum lugar? Muitas vezes nossas tentativas de oração pessoal são frustradas pelos vãos de nossa imaginação ou pelas "fotografias" de

(1) Frei Cláudio van Balen, *A oração, suas dimensões e possibilidades*, texto mimeo grafado, Belo Horizonte, s/d.

nossa memória. Procuramos reter a atenção na leitura da Bíblia, nos Salmos, mas nem sempre conseguimos estabelecer a sintonia entre o que estamos rezando e o que estamos vivendo. Fazemos da oração mais “*um descanso do guerreiro que uma preparação para a guerra*”. Como ouvir uma música que toca a nossa sensibilidade ou contemplar uma paisagem que descansa a nossa vista.

O momento talvez seja de valorização da oração comunitária. Preferimos rezar em companhia de nossos irmãos na fé, participando dos atos litúrgicos, das celebrações que testemunham a índole comunitária de nossa vida cristã. Todavia, nem sempre ficamos satisfeitos com a oração comunitária: a liturgia nos parece excessivamente formal, diretiva, solene, sem dar lugar à dimensão de gratuidade, fantasia e festa de nossa fé no Ressuscitado.

A questão soa urgente, sem que as fórmulas tradicionais e os modelos antigos possam saciar a nossa ansiedade: o que é rezar?

Um velho conflito

A história da Igreja na América Latina nos mostra que quase sempre a oração — sobretudo a oração contemplativa — foi tida como que separada da militância cristã (2). Contemplativos eram os religiosos fechados em seus conventos. Para os leigos engajados, cabiam as tarefas e os riscos de uma atuação vista como incompatível com as exigências de uma profunda vida de oração.

A união com Deus, pela fé nutrida na oração permanente, tornou-se privilégio de um certo estilo de vida cristã. Mas não exclusividade. O fato de esses religiosos reivindicarem para si o título de “*contemplativos*”, somado ao fato de não haver na Igreja nenhuma sistematização teológica ou espiritual da experiência contemplativa de leigos engajados, ajudou a consolidar a idéia de que só os religiosos são aptos à contemplação. Assim, a oração contemplativa ficou associada a um certo modelo de Vida Religiosa. Foi apropriada, indebitamente, por esse modelo. Por esse ponto de vista, o cristão que quisesse viver na contemplação do mistério de Deus, deveria afastar-se das realidades seculares e fechar-se num convento. Só o silêncio

(2) S. Galileia, *Espiritualidade da Libertação*, Vozes, Petrópolis, 1975, p. 11.

do claustro, o celibato consagrado, a obediência comunitária, a liturgia assídua, poderiam propiciar ao cristão as condições de uma vida dedicada à oração.

A ação, por sua vez, ficou reservada aos leigos, aos que vivem no meio do mundo, aos que "*não se sentem chamados a uma forma mais perfeita de vida cristã*". . . Fortaleceu-se a idéia de que a contemplação não combinava com a militância ativa. As exigências do engajamento social não davam tempo à vida de oração. Quem escolhesse um desses caminhos deveria, necessariamente, excluir o outro.

Aqueles que se dedicavam mais intensamente à oração, passaram a desconfiar da ação, pois viam nesta um perigo de esvaziamento da oração. Esta era encarada como que fazendo parte da esfera das coisas sobrenaturais, sagradas, espirituais, inconciliável com a esfera das coisas naturais, profanas, temporais. A ponto de Deus e o mundo aparecerem como contraditórios: entregar a vida a Deus era negá-la ao mundo.

A desconfiança era recíproca. Os leigos mais conscientes se perguntavam para que servia uma vida consagrada à oração, num Continente tão precisado de atuação cristã no processo de mudança social. A um angelismo pretensamente neutro do ponto de vista político, muitos leigos preferiam a complexidade de uma vida cristã comprometida com a causa dos oprimidos. Neles a preocupação com a libertação social estava acima da aspiração de santidade pessoal. E assumiam a ação como uma forma de oração.

Dividiu-se o que não deveria ser dividido. A laranja foi partida em dois pedaços. Um pedaço ficou com os religiosos, o outro com os leigos. Os religiosos deram ao seu pedaço o nome de "*abacate*", e os leigos começaram a chamar o seu pedaço de "*abacaxi*". Duas frutas diferentes uma da outra. Quando, de fato, tratava-se de uma mesma laranja. . .

As Tentativas de Superar o Dualismo

1. Oração e Ação

Para muitos cristãos o dualismo entre oração e ação poderia ser superado pela alternância entre períodos de trabalho e períodos de oração. A atividade ficaria banhada pelo clima criado na oração. Esta se faria da prece matinal, da frequência ao culto, da leitura do Evangelho. No decorrer do dia haveria alguns momentos reservados para o encontro com Deus.

Este modelo encontra a sua origem no "*ora et labora*" (reza e trabalha) beneditino. O dia do monge é dividido entre o trabalho e o *ccro*. Entre uma e outra tarefa, a atmosfera espiritual é realimentada pela recitação dos Salmos, por cânticos ou pela meditação de um trecho da Escritura. O leigo, mantendo um ritmo regular de vida, poderia estabelecer para si a mesma alternância. Para tanto, o sino do mosteiro anuncia as horas canônicas, a paróquia oferece missas em horários acessíveis a quem trabalha, o ofício litúrgico encontra-se traduzido em língua vernácula.

Ainda que neste modelo não houvesse muita relação entre oração e ação, ele era aceito pelo fato de dar lugar às duas coisas. Era uma forma do cristão consagrar a Deus o tempo e o espaço dedicados ao trabalho. Por outro lado, este modelo

trazia a força da tradição: os fundadores das ordens religiosas, os grandes santos da Igreja, o haviam adotado. Bastava-nos essa autoridade para deixar-nos satisfeitos (3).

A realidade atual já não comporta este modelo. A cidade cresceu, os tempos mudaram, os leigos já não ouvem o sino do mosteiro e nem regulam suas atividades por ele. O ritmo intenso de trabalho, a multiplicidade de afazeres, a progressiva secularização, pondo fim a velhos hábitos religiosos, já não facilitam a presença diária numa oração com hora marcada. Nem mesmo os religiosos, com exceção dos enclausurados, conseguem ainda manter esse ritmo de alternância. Suas inúmeras atividades permitem, quando muito, que se encontrem sob o mesmo teto à hora das refeições e durante o sono. As comunidades que exercem a mesma atividade pastoral ou profissional, no mesmo local, ainda conseguem manter o costume da oração em comum.

2. A ação como oração

Uma outra tentativa feita para se encontrar uma unidade entre oração e ação veio da parte dos militantes leigos: considerar oração a própria ação. A síntese desses dois pólos é feita ao nível da consciência iluminada pela fé. É a intenção subjetiva, o sentido e a direção imprimidas à ação, que asseguram o caráter orante do engajamento. Essa oração já não se dá de forma religiosa, segundo gestos ou ritos objetivos em certos momentos do dia. Ela é intrínseca à raiz evangélica da opção dos leigos. Por vezes, explicita-se nas celebrações litúrgicas ou na descrição do significado da ação. Contudo, não são essas explicitações que determinam a oração: esta é subjacente ao engajamento, pelo qual o encontro com os irmãos, sobretudo com os mais pobres, estabelece o encontro com Deus.

Este modelo decorre de duas dificuldades encontradas, na Igreja, pelos leigos militantes: o clericalismo litúrgico e a falta de uma teologia espiritual que parta da práxis leiga. A liturgia da Igreja é, de fato, propriedade privada dos clérigos e religiosos. Qualquer improvisação ou tentativa de se fazer algo novo, por parte de um grupo de leigos, é considerada um abuso. Daí a dificuldade de os leigos encontrarem uma expres-

(3) J. B. Libânio, *Contemplativus in Actione*, Centro de Investigação e Ação Social João XXIII, Rio, 1977, original xerografado, p. 3.

são religiosa adequada à sua espiritualidade. As expressões religiosas existentes, ou fazem parte da liturgia oficial e não podem ser modificadas (dessacralizadas), ou são tidas como supersticiosas, marginais e alienantes por não serem reconhecidas pelo poder eclesiástico.

Por outro lado, toda a hagiografia contemplativa, bem como os textos de espiritualidade — salvo raríssimas exceções — são obras de clérigos e religiosos e a estes destinados. Supõem um quadro de vida cristã onde os momentos de oração possam ser objetivamente demarcados. Como o ritmo de vida dos leigos não se adapta a esse quadro, a solução encontrada pelos leigos engajados é a de recriar a oração a partir de sua própria consciência evangélica, e não a partir de uma referência objetiva ou litúrgica.

Este modelo peca por reduzir a oração à intencionalidade subjetiva, atrelada ao pragmatismo da ação. Em nome da práxis, nega-se a práxis da oração, identificando esta com uma referência intimista aos dados da fé. Corre o risco de fazer da oração apenas um impulso para a ação, uma higiene mental ou uma espécie de certificado espiritual do engajamento. Em nome da racionalidade científica ou do projeto político, quase sempre esse tipo de oração, absorvida pela ação, conduz ao esvaziamento da vida de fé. E, paradoxalmente, torna desnecessário o aumento da qualidade de nossa oração (4).

3. A oração como ação

Uma outra tentativa de recuperar a unidade evangélica entre ação e oração é feita pelo novo surto de experiências espirituais, favorecidas sobretudo pelos movimentos carismáticos (5). O “*batismo*” no Espírito Santo ressoa tão fortemente na vida da pessoa, que parece invadir toda a sua atividade. Ao contrário do segundo modelo, neste é a oração que absorve a ação. A libertação da pessoa no Espírito, é o suficiente. Dispensa outras preocupações de ordem social ou política. As pessoas modificam-se graças às efusões, espirituais propiciadas pelo poder da oração; abertas aos dons do Espírito Santo, elas constroem um mundo mais justo.

(4) P. Jacquemont, *Agir é Orar?*, Concilium 79, 1972/9, Vozes, Petrópolis, pp. 1157-1167.

(5) J. M. Ford, *O Catolicismo Pentecostal*, *ibid.*, pp. 1198-1203.

Neste modelo há uma forte conotação afetiva, pela qual a abertura do coração é valorizada como a via mais curta para a purificação e salvação pessoais. A fé cristã é privatizada e destituída de sua dimensão crítica. Daí o terreno fértil que este modelo encontra em países sob regimes de opressão. É uma espiritualidade apropriada a situações onde o Estado julga que os cristãos devem restringir-se à liturgia, ao culto, à vida de oração. Serve para alimentar a passividade diante das estruturas sociais injustas e para nutrir uma oração desligada da práxis das pessoas que a assumem. Este modelo aquietta a consciência dos que oprimem seus semelhantes e amortece a consciência dos que são oprimidos. Em situações iníquas e angustiantes, ele propõe uma paz subjetiva, individual, que não *des-cobre* e nem altera as causas do mal, e uma reconciliação idealista, ideológica, que *en-cobre* os antagonismos de classe.

É um engano pensar que Deus sempre assinala sua presença por fenômenos, sensações e acontecimentos extraordinários. São Paulo afirma que o nosso corpo é templo do Espírito Santo que está em nós (1 Co. 6,19). Se cremos que ele está em nós, não é preciso "*sentir*" alguma coisa para entrar em comunhão com Deus. Essa comunhão se processa além de qualquer percepção sensível do corpo ou do espírito. E o Espírito nos concede carismas, não para o nosso proveito próprio, mas para o benefício da Igreja. Carisma não é sinônimo de milagre, mas sim de serviço. Portanto, a busca de experiências carismáticas não deve se confundir com um rito esotérico, nem com uma fórmula de solução para problemas pessoais crônicos.

J. B. Libânio constata que "*numa sociedade conflitiva, toda solução meramente simbólica, que nada produz de mudança na realidade social, é alienante. Assim, estamos vivendo violentamente em nosso Continente as contradições sócio-econômicas manifestadas nos interesses opostos de classes bem definidas. Ora, um tipo de oração e contemplação que surge como uma solução de tais conflitos, anunciando um apaziguamento afetivo, mas sem que nada mude nesta contradição real, nos deixa uma suspeita de ser inautêntico*" (6).

(6) J. B. Libânio, art. cit., p. 6.

Um Dualismo Estranho ao Evangelho

Subjacentes a esses modelos que tentam encontrar a unidade entre oração e ação, duas raízes marcam a espiritualidade cristã: o conceito grego de contemplação e o absolutismo da ação.

A tradição cristã legou-nos uma concepção dualista da contemplação — um verdadeiro presente de grego! Para os gregos, a vida ativa (*bios praktikos*), ligada aos interesses mundanos, é inconciliável com a vida contemplativa, teórica (*bios theoretikos*) do filósofo, livre das vãs preocupações deste mundo. Assim, o contemplativo é aquele que se coloca em nível superior às pessoas dedicadas ao trabalho ativo, manual. Através da ascese, o contemplativo liberta-se das ingerências da matéria e subjuga o corpo hostil à alma. Isolado da vida social, ele saboreia, extático, o Absoluto.

Essa distinção foi introduzida na tradição e na teologia cristãs por Filon e pelos Padres da Igreja, principalmente os de Alexandria. Santo Agostinho e Máximo, o Confessor, consagraram esse dualismo tão caro ao pensamento de Platão e de Plotino (7). Surgiu, pois, na Igreja, um modelo de vida contemplativa desligada da presença no mundo, hostil ao corpo e à matéria, indiferente às questões sociais e políticas.

“No princípio era o Verbo”, proclamava a cultura sedimentada nos dogmas, na palavra infalível da autoridade e na visão estática da ordem universal. À pessoa cabia uma atitude de escuta. O mundo existia para ser contemplado.

“No princípio era a Luz”, proclamou a razão ansiosa por penetrar e desvendar os mistérios das realidades terrestres.

(7) *Initiation Théologique III*, Cerf, Paris, 1952, pp. 1110-1146.

À pessoa cabia o interesse científico. O mundo existia para ser conhecido.

“*No princípio era a Ação*”, proclamou Goethe em nome do mundo moderno. À pessoa cabia a tarefa política. O mundo existia para ser transformado.

O primado da ação é afirmado, com maior insistência, a partir da crítica de Marx aos filósofos idealistas. Dedicada até então à contemplação do mundo, a filosofia deveria agora transformá-lo (8). Certa interpretação sectária do processo de mudança social, fundada num primarismo imediatista, provocou o efeito de destituir a ação de seus fundamentos teóricos, de sua dimensão contemplativa, para cair num ativismo pragmático.

A unidade evangélica

São estranhos ao Evangelho tanto a contemplação que se afasta do povo para aproximar-se do Pai, como o ativismo que não reflete sobre o seu sentido global e último. O Evangelho não conhece o dualismo que separa a práxis cristã da prática de oração. Nem procura resolvê-los pela supressão de um dos pólos do binômio. O Evangelho anuncia o encontro com Deus através do encontro com os irmãos, sobretudo com os marginalizados. A conversão a Deus está diretamente associada à decisão de fazer justiça ao oprimido. Diante da pregação de João Batista, o povo perguntava: “*Que é que devemos fazer?*” (Lc 3.10). João nos mostra que a fé se traduz no amor capaz de erradicar as desigualdades existentes: “*Quem tiver duas comisas deve dar uma a quem não tem. E quem tiver comida deve repartir com quem não tem*” (Lc 3.11).

Reconhecemos a presença de Deus pelos sinais de libertação, e não por meros fenômenos subjetivos ou por experiências intimistas. Quando João Batista manda perguntar: “*O senhor é mesmo aquele que ele disse que vai chegar, ou, devemos esperar outro?*” (Lc 7.20). A resposta de Jesus não se baseia em provas sobrenaturais. Jesus responde por fatos concretos que revelam uma transformação da realidade, uma nova ordem das coisas: “*Voltem e contem a João isto que*

(8) K. Marx, *Teses sobre Feuerbach*, XI, in Textos v. 1, São Paulo, Edições Sociais, 1975.

vocês viram e ouviram: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e as Boas Notícias são anunciadas aos pobres” (Lc 7.22).

Há, no Evangelho, uma perfeita interação entre oração e ação. A ação, baseada na palavra de Jesus — que manifesta a vontade de Deus — nos conduz à união com o Pai.

“O Pai que está em mim é quem faz o seu trabalho. Creiam em mim; creiam que estou no Pai, e que o Pai está em mim. Creiam pelo menos por causa daquilo que faço. Eu afirmo que quem cre em mim fará as coisas que eu faço, e até maiores do que estas...” (Jo 14.10-12).

Essa contemplação anima e dá sentido evangélico à nossa ação. *“Quem está em mim e eu nele, esse dá muito fruto...” (Jo 15.5).* A contemplação encontra a sua plena realização em nossa capacidade de amar os outros assim como Deus nos ama. *“O meu amor por vocês é como o amor do Pai por mim... Amem uns aos outros, como eu amo vocês...” (Jo 15.9-12).* O amor de Jesus nos faz conhecer o amor de Deus por nós. Todavia, esse amor não se confunde com certa *“bondade”* idealista e burguesa que procura irmanar ricos e pobres, sem alterar as diferenças de classe que os separam. O amor de Jesus é paradoxal para a sabedoria do mundo, pois ensina a amar os inimigos sem deixar de denunciar a hipocrisia dos fariseus e de maldizer a sorte dos ricos; senta-se à mesa com os pecadores e despreza as observâncias religiosas que escravizam a pessoa; exige que se odeie pai e mãe para fazer a vontade daquele que é o único Pai; indica que só pode ganhar a vida quem for capaz de perdê-la; coloca-se ao lado dos pobres e só aceita ser seguido pelo jovem rico ou por Zaquieu depois que estes fizerem opção pelos pobres; dá a paz trazendo a divisão e anuncia a felicidade ateando fogo à terra; faz da perseguição por causa da justiça a maior das bem-aventuranças.

A contemplação cristã efetiva-se em nossa ação pelos mais sofridos. *“Eu estava com fome...” (Mt 23.35).* Jesus se fez presente em cada pessoa injustiçada. Deus toma partido a favor dos condenados da terra. Por isso, nesses irmãos encontramos o próprio Cristo. Somos iapazes de *re-conhecer* na face dos que padecem fome, sede, nudez, abandono, opressão, o rosto de Deus. Mas não basta contemplar. A contemplação cristã produz, como seu maior fruto, a caridade, o serviço libertador: *“... e vocês me deram comida”*. Nosso amor, informado pela fé na palavra definitiva de Cristo, resulta numa ação efi-

caz, capaz de modificar as relações pessoais e as relações sociais. Fora disso, nosso amor é mentiroso. *“Se alguém é rico e vê seu irmão em necessidade, mas fecha seu coração para ele, como pode afirmar que de fato ama a Deus?”* (1 Jo 3.17). Ora, *“a fé é assim: se não vier acompanhada de ação, por si mesma é uma coisa morta”* (Tg 2.17). *“Nosso amor não deve ser somente de palavras e de conversa. Deve ser amor verdadeiro, que se mostra por meio das ações”* (1 Jo 3.18).

O fundamento dessa ação está no encontro com aquele que, por seu amor aos pequeninos, nos revela Deus como Pai. *“Somente por meio de mim é possível chegar ao Pai. Agora que vocês me conhecem, conhecerão também meu Pai”* (Jo 14.6-7). As pessoas que tiveram suas vidas colocadas frente com o Filho do Homem sentiram o apelo da conversão: os apóstolos, Zaqueu, a samaritana, Nicodemos, os discípulos de Emaús, etc. A presença de Jesus suscitou nelas uma mudança de coração e de mentalidade na abertura filial à vontade libertadora do Pai. Esse encontro faz perceber que nossa existência tem o seu eixo fora de nós. É o que faz transparecer o episódio da transfiguração (Mt 17.1-9), no qual conhecemos uma experiência contemplativa que vai além da ação e proclama o absoluto de Deus na história humana.

Pelo Evangelho temos a certeza de que esses dois encontros, com os irmãos e com o Cristo, são inseparáveis. Um nos conduz ao outro. O primeiro nos mostra que a vida cristã só pode ser vivida na gratuidade do amor, na práxis histórica que suprime as causas das divisões entre as pessoas. O segundo acentua a radicalidade da opção por Jesus Cristo, que nos livra de todo e qualquer absolutismo ideológico. Se o primeiro encontro nos leva à fraternidade com o povo, o segundo nos conduz à intimidade com o Pai. Pelo segundo encontro conhecemos o sentido último e absoluto no primeiro. Este é a prática encarnada, situada, sacramental do segundo. Deus é sempre Outro e, para nós que recusamos a auto-suficiência e, pela fé, o acolhemos, o outro é sempre imagem e semelhança de Deus.

Tudo isso nos é mostrado na vida de Jesus, onde há uma perfeita adequação entre oração e ação. Toda a sua vida é oração e sua comunhão com o Pai transparece e se manifesta em sua ação. Animada pela sua intimidade com o Pai, a oração de Jesus está sempre voltada pelo seu serviço ao povo. É em função de sua ação libertadora que Jesus reza. A vida de Jesus é, toda ela, oração na ação.

A Dimensão Política

da Oração

A fé é o fundamento da vida cristã, e o amor, a sua prática. Não podemos imaginar um cristão sem fé — esta denominação só é apropriada a quem crê no sentido da vida e da história humanas que, por sua bondade, o Pai nos revela em Jesus de Nazaré.

A fé, porém, não nos basta. Dissociada da abertura à novidade do próximo, da atitude de disponibilidade e serviço desinteressado, ela é inútil. *“Posso ter... toda a fé necessária para tirar as montanhas de seus lugares; mas se não tiver amor, eu não serei nada”* (1 Co 13.2). O cristianismo não concebe uma teoria (fé) desligada da práxis (amor) ou uma oração separada da ação.

“A fé sem ações não vale nada... Assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem ações está morta” (Tg 2.20,26).

É a oração que assegura a unidade, em relação dialética, entre a fé e o amor. Pela oração, imprimimos caráter evangélico à nossa ação e dilatamos a nossa fé. A oração quebra as nossas resistências ao Amor e impele-nos a manifestar esse Amor pelo nosso amor. Ela aguça a nossa sensibilidade evangélica, de modo a tornar a vida de Cristo presente em nossa

vida. Ela nos faz ver a realidade com os olhos de Deus. A oração é o espaço por excelência onde, no Espírito que a anima, atingimos a plenitude de nossa liberdade frente às pessoas, às coisas e ao mundo. Por isso, ela é para o cristão tão importante quanto o alimento para a pessoa poder pensar e agir.

A fé, nutrida na oração, propicia-nos uma ruptura constante com os elementos nocivos que a ideologia dominante introjeta em nossa vida. Arranca-nos do pecado, da atitude de fechamento, para ampliar em nós o espaço da ação transformadora da graça. Faz-nos efetuar uma nova leitura do processo histórico, através da qual percebemos o seu sentido último e absoluto, sem os riscos de absolutizarmos os dados de uma leitura parcial, imediata, racionalista e científica.

A percepção desses elementos nocivos decorrentes do pecado historizado e estruturado, ocorre na medida em que nos engajamos numa práxis libertadora e que essa práxis exerce a crítica de nossa oração. Desse modo, a oração não se presta ao papel alienante de querer conciliar, ao nível da consciência, os antagonismos sociais, e mesmo pessoais, que de fato só podem ser superados ao nível do real. Ela não encobre, mas descobre a realidade. Por nos tornar mais dóceis ao Espírito de verdade, a oração deixa-nos mais sensíveis às marcas da mentira institucionalizada. Faz-nos passar das trevas à luz, curando-nos da cegueira contraída pelas concessões que estamos sempre a fazer às exigências do nosso egoísmo e às pressões do sistema egolátrico em que vivemos.

Há, em toda oração, um conteúdo ideológico. Essa constatação não nos deve fazer sonhar com uma oração "*quimicamente*" destilada, pura, como um louvor de anjos. Não se trata de esvaziar a oração de suas mediações culturais. Trata-se de saber em que fonte ideológica ela se nutre: nos alambrados enferrujados das forças dominantes, cujo produto entorpece a nossa fé e altera a nossa visão da realidade, deformando-a, ou na nascente cristalina das classes populares, que abre no dorso da história um sulco de esperança por onde corre o rio que nos conduz à Promessa? Essa conjugação, entre os dados definitivos da revelação cristã, que formam o conteúdo de nossa fé, e o momento histórico onde esses mesmos dados se explicitam de maneira eficaz, deve ser feita pela mediação de uma ideologia contrária à dominante quando injusta e que reflita as aspirações de justiça do povo simples. A velha beata que passa os dias rezando, não chega, automaticamente, a essa conjugação ou a essa ruptura com a ideologia dominante. Sua união com Deus é real mas encerra uma decorrência alienada se ela ignora a desunião dos homens entre si

ou imagina que essa desunião possa se resolver na esfera psicológica das boas intenções ou pela ação miraculosa do poder divino vergado pelas nossas preces...

A união com o Pai na união com o povo

Há uma correlação entre a busca da união com o Pai, na fé — objeto da contemplação cristã — com a busca da união dos homens entre si, no amor — objeto do esforço de libertação. A consciência cristã, fundamentada no Evangelho, não deveria distinguir uma coisa da outra. Essa busca, porém, exige de nossa parte sacrifícios, rupturas e decisões. É um processo de conversão permanente a Deus e a seu povo, dentro da tensão dialética entre a sua graça e a nossa liberdade humana. Não basta sonhar com a união mística, como não basta rezar pela fraternidade entre os homens. As duas coisas — que são basicamente a mesma, pois Deus se manifesta onde as pessoas se amam (1 Jo 4.12) — supõem, de nossa parte, uma luta sem tréguas. Mas não somos nós, é Deus que comanda essa luta: Seu amor e a sua promessa de fraternidade entre nós, são anteriores a nós e a nós se comunicam pelo seu Espírito.

Nossas contradições com Deus, geradas pela atração do nosso ego, pela força de nosso homem velho, e percebidas à luz da palavra desafiadora de Jesus, só podem ser reduzidas na medida em que deixarmos, em atitude filial, a sua vida invadir a nossa vida. Então, o teremos como Pai e seremos os seus filhos. Nossas contradições de classe, geradas pelo sistema fundado na exploração do homem pelo homem, e percebidas pelo conteúdo crítico da fé, só estarão reduzidas quando os oprimidos despedirem com as mãos vazias os opressores derrubados de seus tronos. Então, seremos irmãos.

Muitas vezes deixamos de rezar para evitar que a oração estenda a luta de classes à nossa vida interior, destruindo o rico, o dominador, o burguês envaidecido que habitam em nós. Procuramos conservar o homem velho junto ao homem novo (Col 3.9, 10; Ef 4.22-24), numa contradição que a oração viria denunciar e aguçar. Tememos o desafio da fé e as exigências do amor. Conservamos a posse privada de nosso pecado e aceitamos ficar submissos ao homem velho que, em nós, foi moldado pelo sistema que pretendemos modificar. Assim como muitas pessoas evitam, propositadamente, aprofundar-se nas análises sociais para eximirem-se de responsabilidades, pro-

curamos não perceber, pela oração, todo o alcance do combate que se trava em nosso interior. Deixamos de rezar para que a nossa consciência não seja questionada pela fé, para que o nosso homem velho não se sinta ameaçado pelo homem novo, para que a nossa sabedoria deste mundo não descubra sua insensatez diante da loucura da cruz.

Ora, trava-se no nosso interior uma verdadeira luta de classes. De um lado, nosso homem velho apegase às suas seguranças, ajuntando riquezas neste mundo, temendo aqueles que matam o corpo, enterrando seus talentos, procurando conciliar o serviço a Deus e ao dinheiro. Deus, porém, em Sua infinita misericórdia, não nos abandona.

“Seu Espírito vêm para nos ajudar em nossa fraqueza, porque não sabemos como devemos orar. O Espírito de Deus, com gemidos que as palavras não podem explicar, pede a Deus em nosso favor” (Rm 8.26).

Se assumimos esse impulso do Espírito, quebra-se, então, a rigidez de nosso racionalismo e o pragmatismo de nossa ação. O nosso coração de pedra transforma-se num coração de carne. A oração põe a nu o homem velho, revelando a falsidade de suas artimanhas, e abre caminho ao homem novo. Na medida em que se aprofunda a nossa fé, sentimos a nossa consciência revestida de novos valores. Perdemos a posse de nós mesmos e nos deixamos possuir pelos seus desígnios. Colocamos as exigências sociais acima de nossa vontade pessoal. Deixamos de nos preocupar com o que viveremos ou do que viveremos, com o nosso conforto e a nossa segurança, para, à semelhança dos pássaros e das flores do campo, confiar no Pai que sabe do que precisamos. Em nossa vida, a busca do Reino de Deus e de sua justiça passa a ter prioridade. Nesse despojamento, fazemos a experiência de possuir o cêntuplo, pois quanto menos temos, mais nos é dado; quanto mais amamos, mais somos amados; quanto mais nos arriscamos, mais se fortalece a nossa esperança; quanto mais nos entregamos à proteção do Pai, mais a sua força se manifesta em nossa fraqueza. Assim, passamos a saborear esses frutos do Espírito, visíveis na vida do povo simples: amor, alegria, paz, paciência, ternura, bondade, fidelidade, humildade e domínio próprio (Gl 5.22-23).

Nessa dimensão política da oração, a união com Deus constrói-se pelo esforço de união entre o povo. A fé cristã determina este critério objetivo: *“Que todos sejam um”* (Jo 17.21). Não há outro caminho fora da busca dessa reconci-

liação que o Evangelho faz passar pelo nosso íntimo, para em seguida objetivar-se no projeto político, na edificação de uma sociedade mais justa, nos regimes e sistemas vindouros — etapas imperfeitas de uma progressiva libertação, que só a manifestação final do Reino fará eclodir em plenitude.

Podemos não partilhar dos anseios dos que têm fome e sede de justiça e, no entanto, gozar de íntimas e saborosas “notícias” espirituais. Podemos sentir grandes enlevos da alma e desfrutar de êxtases e visões, sem ter a menor consciência das contradições (desuniões) entre as classes sociais. Isto não é a oração que o Evangelho nos ensina e que uma espiritualidade da libertação exige. A oração cristã não é uma fuga, um consolo, um deleite, uma diversão, ou um ópio. Não pode ser avaliada apenas pelas nossas sensações interiores, e muito menos pelo prazer que dá ao nosso ego. A oração cristã volta-se para os problemas do povo e associa o reconhecimento da santidade de Deus à súplica que é promessa e projeto: “*Venha a nós o vosso Reino*”. O Reino é a erradicação da luta de classes, do pecado pessoal e social, das estruturas iniustas e desumanas. O Reino é gratuidade, alegria, paz edificada na justiça. O Reino é a transformação radical de toda a ordem universal, tornada morada de Deus com os homens. Eis os sinais do Reino: as lágrimas de nossos olhos estarão enxutas e não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor. As coisas velhas terão passado (Ap 21.3, 4).

Na expectativa da construção do Reino, sabemos que vamos bem na oração, quanto mais nos deixamos possuir pelo Outro, que faz novas todas as coisas, e nos comprometemos com o serviço aos outros. Vamos bem, quanto mais nos libertamos das falsas seguranças que o sistema capitalista oferece à hipertrofia de nosso egoísmo e colocamos a nossa confiança em Deus, que conhece até a conta dos cabelos de nossa cabeça (Mt 10.30). Vamos bem, quanto mais a coragem de amar vence em nós o medo de se arriscar. Vamos bem, quanto mais aprendemos com Jesus a nos ocupar com “*as coisas do Pai*” (Lc 2.49), que são as causas do povo. Vamos bem, quanto mais nos familiarizamos com a morte, essa parteira do Amor que, por uma cesariana, nos arranca do ventre da história e nos joga nos braços da vida que não conhece o ocaso.

Para tanto, urge deixar que o Espírito amplie em nós a abertura para o povo e para Deus. O povo não é tão consciente como imaginamos. O Pai não se faz presente em nós tão “*sensivelmente*” quanto desejamos. Somos, então, tentados a nos entregar à satisfação de nosso próprio ego, a acreditar

mais nas teorias que construímos que na prática que constatamos, a encobrir nossa fraqueza com racionalizações convincentes, a nos fechar às solicitações evangélicas que ameaçam a nossa estabilidade pecadora e burguesa. É bem mais cômodo viver em núpcias com as ilusões da ideologia dominante e narcotizados pelas pressões do sistema. Todavia, a esperança renasce e o apelo à conversão aparece, quando percebemos que, no meio do povo envenenado pela ideologia dominante, subjugado pelos proprietários dos meios de produção, há sinais visíveis de libertação. Alí o futuro se tece como nas linhas confusas de um bordado visto pelo avesso — quando for posta a mesa, à qual nos sentaremos como irmãos, veremos, do outro lado da toalha, a bela e harmoniosa combinação dos desenhos do bordado. Da mesma maneira, através da fé dilatada na oração percebemos, já agora, no seio de nossa vida, a presença insinuante, graciosa e amorosa de Deus. Isto de possuir o que não se tem, e de acreditar no que não se vê é a fé. Mas não esperamos um mero fruto de nossa imaginação, nem acreditamos numa simples fantasia de nossa aspiração. O eixo de nossa fé centraliza-se na prática e na palavra de Jesus. Acreditamos nisso que ele viveu e prometeu. Buscamos algo que já nos está garantido pela sua ressurreição, pela sua vitória sobre todas as contradições, pessoais e sociais, inclusive sobre esta contradição básica e final que chamamos de morte.

A vida no amor

A suprema felicidade da pessoa consiste em amar e ser amada. Nisso e para isso fomos criados por Deus, e é o amor que nos torna imagem e semelhança do Amor. Quando experimentamos o amor de um modo muito efetivo, envolvente e íntimo, temos vontade de que nada mais exista no mundo, de que cada momento seja eterno, de que todos os relógios parem seus ponteiros no infinto. Todo ato de amor nos faz conhecer, por antecipação, essa realidade que queremos definitiva e duradoura e que, por analogia com o belo e ilimitado espaço cósmico que se abre sobre nossas cabeças, chamamos de *céu*.

Só somos capazes de amar, sendo capazes de morrer por esse amor. Só somos capazes de criar o mundo novo, sendo capazes de morrer por esse projeto. A vida é um movimento que, uma vez iniciado, não pode mais excluir a dialética de sua

relação com a morte. Da explosão das estrelas surgem os planetas, da deterioração dos fósseis vem o petróleo, da evaporação da água temos a chuva. O trigo que morre nos dá o pão, a uva que morre nos dá o vinho, o cereal que morre nos dá o arroz, o animal que morre nos dá carne. Da morte alimentamos a nossa vida. Quem não morre para si mesmo não é capaz de nascer para os outros. Se não aceitamos enterrar o homem velho que nos habita, não criaremos o espaço necessário para que o homem novo possa surgir.

Essa "*morte de si*" nada tem a ver com um espiritualismo masoquista que tornava os cristãos desfibrados, resignados e passivos. Se não nos lança na ousada aventura do amor, é um suicídio que, como tal, visa a satisfação do nosso ego. Morrer para si mesmo é destruir esse eixo que, em nossa vida, coloca os interesses pessoais acima dos interesses coletivos, as vaidades acima das verdades, a preservação individual acima da libertação social. Quem ama de verdade quer fazer de sua vida alimento para a vida da pessoa amada (eucaristia). Para que a vida divina seja alimento de nossa vida, e a nossa vida seja alimento de outras vidas, é preciso que morra em nós, a cada dia, o burguês, o mentiroso, o covarde, o derrotista, o orgulhoso. No amor ficamos nus um diante do outro — conhecemo-nos assim como somos, sem máscara, sem fantasia, sem vergonha de nossa fragilidade. Essa aceitação de si mesmo faz com que a presença do outro não seja temida como ameaça. Aceitamos os nossos limites, pois não queremos nos afirmar, nem possuir. Queremos servir e nos dar, nisso recebemos a vida. Essa é a condição de uma autêntica liberdade afetiva. Assumindo a nossa identidade real sem ilusão, sem angústia ou ansiedade, ficamos aptos a colher o outro e a estabelecer com ele a reciprocidade do amor.

É através dessa permanente revolução cultural, forjada pelo engajamento junto aos marginalizados e adubada pela oração na graça que nos une ao Pai, que chegamos a experimentar, antecipadamente, a plenitude do Amor. Os que conhecem isso sabem que toda e qualquer relação de amor entre duas pessoas, por mais bela e intensa que seja, é apenas um prenúncio da relação de quem se sente, ao nível da fé, habitado por Deus. A contemplação é mais forte do que toda e qualquer paixão. Não enquanto possamos "*sentir*" alguma coisa. Quando experimentamos o amor de Deus ou estamos apaixonados por uma pessoa, conhecemos a mesma reação: a pessoa amada, uma mulher ou Deus, existe efetiva e afetivamente em nós. Somos habitados pelos objetos do nosso amor, a tal ponto que a vida da pessoa amada torna-se mais intensa

em nós do que a nossa própria vida. A diferença está em que Deus reside em nós do mesmo modo que se encontra fora de nós, sem nenhuma divisão ou diferenciação, enquanto a pessoa amada só existe em nosso coração como a imagem, no espelho, reflete o objeto que está fora do espelho. O amor de Deus em nosso coração é o próprio Deus.

A base econômica da graça e da desgraça

Tanto a união com Deus, quanto a união dos homens entre si, a experiência mística e a atividade política, supõem uma base econômica. “A graça supõe a natureza”, ou seja, Deus não se manifesta senão quando a nossa liberdade humana o acolhe. Sua graça é um dom que, para produzir frutos, exige uma resposta de nossa parte. A semente é uma só, mas brota de acordo com a qualidade do terreno em que é semeada (Mc 4.3-20). Assim, a economia da graça, com toda a sua riqueza, encontra um terreno propício em nossa pobreza solidária aos pobres (9). O Evangelho nos mostra que os pobres são os preferidos de Deus. Não por serem eles os que mais necessitam de seu amor libertador, mas também por serem, de certa maneira, livres dos benefícios do sistema, aberto aos projetos de futuro. Por isso é que são bem-aventurados, pois o Senhor promete fartura aos que têm fome, alegria aos que choram, a posse do Reino a quem nada possui (Lc 6.20-22).

Quando somos proprietários de nós mesmos, negamos a exigência de abandono nas mãos do Pai e recusamos a entrega filial que testemunha o absoluto de Deus em nossa vida. Não nos basta desejar, psicológica e espiritualmente, estar entregues às mãos de Deus: para que a sua graça nos possa ser eficaz, é preciso nos desapropriarmos de nós mesmos, rompermos com todas essas posses, cristalizadas na posse de si mesmo, que impedem a prevalência de nossa confiança nele. Tanto menos nós possuímos quanto mais amamos, e quanto mais amamos, tanto mais somos possuídos e amados por Deus.

No plano social, não se pode ignorar a base econômica dessa desgraça, operada pelo pecado, na forma política de convivência entre as pessoas. A superação das contradições entre as classes não se dará senão pela erradicação dos antagonismos

(9) L. Boff, *A Graça Libertadora no Mundo*, Vozes-Multinova, Petrópolis-Lisboa, 1976.

econômicos entre elas. Qualquer outro tipo de solução — jurídica, moral, política ou religiosa — que não altere essa base econômica, servirá apenas para encobrir a raiz dos males sociais. A propriedade privada dos meios de produção coloca aqueles que a possuem, independentes de suas intenções subjetivas, em posição antagônica àqueles que não são proprietários. Por isso, não é suficiente pretender conciliar ricos e pobres no plano psicológico ou ideológico: isto seria o mesmo que passar mel na boca de quem tem fome. É preciso que as contradições econômicas, que os separam na relação explorador-explorado, sejam efetivamente eliminadas. Só assim a fraternidade existirá como acesso aos mesmos bens, usufruto dos mesmos direitos e possibilidade das mesmas oportunidades. Nisso a proposta do profeta Isaías, lembrada por Lucas (3.4-6), encontra o seu significado mais amplo: preparar o caminho do Senhor é endireitar as veredas, aterrar os vales, arrasar montanhas e colinas, acertar os caminhos tortos e nivelar os atalhos escabrosos. Então, todos verão a salvação de Deus.

A mística do século XVI daria a essa proposta de Isaías uma interpretação subjetiva e individual. A consciência que temos hoje da dimensão intrinsecamente social da pessoa humana e da revelação cristã, já não comporta tal privatização da palavra de Deus. A libertação que ela nos promete — já realizada em Jesus de Nazaré — envolve a pessoa, a natureza e o cosmo, como nos anuncia São João no prólogo de seu evangelho. Nessa mesma linha, para quem se sente chamado, em consciência, a aprofundar sua união com Deus nesta vida, não se trata de desfrutá-la como um privilégio particular. Deus jamais privatiza os seus dons — esses nos são dados para o benefício da comunidade.

A vivência dessa união encontra o seu caminho mais urgente e exigente hoje, na América Latina, na luta em prol da união social. A nossa libertação pessoal está historicamente associada e mediatizada pela libertação política e econômica do povo. Isto não significa que o mero fim do capitalismo nos faça ingressar num sistema paradisíaco, onde todas as contradições sociais estarão derrubadas e todas as condições místicas estarão criadas. Para o cristão, todas, as evoluções históricas que propiciam ao povo melhores condições de vida e aumento da qualidade humana, são apenas etapas de uma libertação maior, a ser concretizada no advento do Reino. Entretanto, a graça já nos permite antecipar, na comunidade de fé, as expectativas futuras. Somos invadidos pelo Amor dentro de

nosso esforço de suprimir a desgraça. Nesse esforço não queremos outra coisa senão que o Amor se faça presente, de modo visível, nas relações de produção e nas relações sociais.

A união com Deus não é uma questão de consciência, é uma questão de vivência. Vivência que, muitas vezes, ocorre sem que a consciência seja capaz de percebê-la e muito menos de apreendê-la. Sem dúvida, muitos pobres vivem a experiência dessa união, sem condições, porém, de refleti-la pelas nossas categorias teológicas ou de expressá-la tematicamente. Se estamos convencidos de que o ápice da vida cristã está na prática da caridade, no dom da própria vida aos outros, somos obrigados a reconhecer que inúmeras pessoas simples vivem isso como hábito. São puras de coração e despojadas de qualquer sentimento de posse em relação aos bens e a si mesmas. Nelas a vida é a irrupção incessante do amor. Faz-se partilha, bondade, gratuidade. Não tentam, como nós, exprimir o inefável. Este é que se exprime nelas pelo olhar luminoso, pelo sorriso repleto de paz, pela força contida na fraqueza e pela sabedoria que confunde os sábios. Deus é nelas.

“Senhor, Ensine-nos a Orar”

Como orar? Eis uma pergunta difícil de ser respondida, sobretudo quando não nos encontramos inseridos num ritmo religioso de vida — na família, na escola ou no trabalho. A criança que se deixa orientar por seus pais na oração, o aluno do colégio católico, acostumado aos atos litúrgicos obrigatórios, o monge que passa várias horas do dia no coro — não se colocam esta questão de modo tão agudo quanto o leigo mergulhado num ritmo secularizado de vida. Para este, as velhas fórmulas de oração aprendidas na infância já não se coadunam com a sua maturidade. A liturgia oficial nem sempre satisfaz às exigências de seu engajamento. No entanto, a sua busca exprime a mesma súplica dos discípulos de Jesus: “*Senhor, ensine-nos a orar*” (Lc 11.1).

Existem muitas maneiras de rezar: na solidão ou em comunidade, contemplando a natureza ou meditando um trecho do Evangelho, às primeiras horas da manhã ou tarde da noite. Podemos rezar em casa ou na igreja, dentro do ônibus ou andando pela rua, diante de uma pessoa que sofre ou participando de uma festa. Existem muitos tipos de oração: vocal, mental, de súplica, de intercessão, de louvor, eucarística, etc. Na oração podemos agradecer ou imprecicar, rejubilar ou lamentar, falar ou escutar. Rezar é como amar: não existe um modelo padronizado, cada um deve encontrar o seu estilo próprio. Não é a nossa vida que se deve encaixar num determinado modo de rezar. É a nossa oração que deve exprimir as tristezas e as

alegrias, os momentos de secura e os momentos de vibração de nossa vida. Querer forçar alguém a preferir esta ou aquela maneira de rezar, este ou aquele tipo de oração, é o mesmo que obrigar um jovem pintor a ser expressionista, ignorando todas as outras tendências estéticas. No entanto, ninguém se torna pintor pelo simples fato de gostar de pintar. A aptidão do artista desenvolve-se graças a um cuidadoso exercício.

Algo semelhante ocorre com a oração. Ela não é um truque psicológico. É um dom teológico. Decorre de nossa graça batismal, pela qual fomos inseridos na vida de Cristo e somos chamados, pelo Espírito, a participar de sua união amorosa com o Pai e com o povo. Esse dom, porém, não produz frutos independente de nossa vontade. Se queremos enriquecer a nossa vida de oração, devemos fazer um certo aprendizado, conhecer a experiência de outras comunidades e de outros cristãos, sobretudo dos místicos. Contudo, é preciso estar atento para não cair na tentação de fazer dessas experiências um “método” seguro que nos impeça de adotar o único modelo — o da oração de Jesus — e permanecer como discípulos do único mestre — o Espírito Santo (10).

Deus “*não está longe de cada um de nós. Porque nele vivemos, nos movemos e existimos*” (At 17.27, 28). Pela oração, confirmamos a sua presença em nós. O simples desejo de rezar já é uma forma de oração. É o Espírito de Deus que suscita em nós esse desejo. Ninguém chama a Deus de “Pai” sem ser por obra do Espírito (Rm 8.15). Resta-nos fazer frutificar essa semente — até que possamos saborear o fruto da oração contemplativa, que é a adequação de nossa vontade à vontade de Deus.

A contemplação é um dom que Deus nos dá pela fé. É um “conhecimento” do Deus que nos é revelado em Jesus de Nazaré. Não é um conhecimento filosófico ou de ordem intelectual — essa seria a concepção grega, pagã, da contemplação. Transferir a contemplação da esfera do amor para a esfera da intuição intelectual é torná-la pouco acessível aos simples e iletrados, o que é totalmente estranho às perspectivas do Evangelho (11). Num momento de oração, em que Jesus “*ficou muito alegre*”, é justamente isso que ele agradece ao Pai:

“*Eu te agradeço porque tens mostrado aos que não são instruídos, aquilo que escondeste dos sábios e dos entendidos. Sim, Pai, isto foi assim pela tua própria escolha e vontade*” (Lc 10.21).

(10) J. Comblin, *A Oração de Jesus*, Vozes, Petrópolis, 1972.

(11) L. Marie, *L'Expérience de Dieu*, Cerf, Paris, 1968, p. 55.

Devemos entender o termo “*conhecimento*” em seu sentido bíblico: uma experiência que compromete toda a nossa vida e atinge a raiz do nosso ser. Essa experiência nos faz tomar consciência de uma realidade dada: Deus nos habita, faz de nós sua morada, é o Espírito de nosso espírito e em seu amor o experimentamos como o centro de nossa existência. Isso depende, sobretudo, de Seu amor por nós. Não há nada a conquistar; já vivemos em união com ele. Essa experiência é desprovida de conteúdo conceitual. É uma intuição espiritual, vivencial. Querer “*segurá-la*” com a razão é o mesmo que colher água numa peneira...

Para se chegar a essa oração que, em Jesus, não se distinguia de sua vida, não devemos ignorar que há uma certa pedagogia consagrada pela tradição cristã. Hoje devemos ler essa tradição da ótica da espiritualidade da libertação, a fim de não estabelecermos um diálogo de surdos. Nessa ótica, o contato com as obras dos místicos pode ajudar-nos a percorrer as etapas da oração que, de outro modo, dificilmente ultrapassaríamos.

Pretendemos, aqui, retomar, dentro de um novo sentido, as três dimensões clássicas da *oração pessoal*: a oração vocal, a oração mental e a oração contemplativa propriamente dita. Em seguida, veremos três dimensões da *oração comunitária*: a oração de súplica, a oração de louvor e a oração eucarística. Convém lembrar, a fim de evitar certos equívocos, que essas distinções não se excluem umas às outras, mas encontram o seu ponto de unidade na prática de nossa vida cristã.

A oração vocal

Nenhuma oração é só com a voz ou só com a mente. É o corpo todo que reza. Com essa expressão queremos designar a oração recitativa, na qual ouvimos a nossa própria voz balbuciando as palavras do “*Pai nosso*”, dos salmos, de alguma fórmula aprendida na infância ou de nossa própria maneira espontânea de falar com Deus. Buscamos uma posição física propícia a nos fazer entrar no clima de oração: caminhando ou sentados, de joelhos ou deitados. Conseguimo-nos concentrar na oração através dos nossos sentidos: ouvindo a nossa prece, lendo um salmo ou um trecho do Evangelho, estando num lugar que nos estimule a rezar.

Pedimos ao Senhor que nos ensine a rezar. E ele nos aponta a nossa indignação e nos faz pedir o pão, o perdão, a força diante da tentação e a libertação do mal. Tomamos consciência de nosso pecado, da iniquidade social que nos faz ansiar mais ainda pelo Reino. Mostramo-nos dispostos a fazer sua vontade, a colher o seu amor, a dilatar o fermento libertador que seu plano introduziu em nossa história. Eis o conteúdo do *"Pai nosso"*.

Somos aprendizes. Esse início de oração exige, de nossa parte, uma certa ascese, pois não é inerente às nossas atividades. Ninguém consegue ler um livro se não deixar outras atividades para ler o livro; ninguém pode almoçar continuando a caminhar na rua; ninguém é capaz de conversar com uma pessoa sem prestar atenção ao que é dito. Da mesma maneira, a oração exige atenção. Se não reservamos, a cada dia, um momento específico para rezar, não descobrimos a oração e nem conseguimos trilhar os seus inusitados caminhos.

Na sociedade em que vivemos a produção de bens materiais não visa as necessidades humanas, mas o lucro. Os proprietários dos meios de produção disputam a preferência do consumidor através de desenfreada concorrência. Nessa guerra não há lei e todas as armas são utilizadas. A mais poderosa é a publicidade, que nos impõe *"necessidades supérfluas"* através dos meios de comunicação social. Assim, somos levados à dispersão, à perda de nossa capacidade de opção consciente. Toda sorte de estímulos e solicitações sensitivas nos atraem. Torna-se quase impossível rezar dentro desse rodopio de imagens e sons. É preciso que a nossa interioridade seja menos devassada. Precisamos de silêncio. Como o artista necessita de um espaço ocioso para poder alçar a criatividade, o cristão que começa a rezar precisa entrar no deserto, na solidão, para concentrar-se em seu diálogo com Deus. *"Quando você orar, vá para o seu quarto, feche a porta, e ore a seu Pai que está ali, invisível"* (Mt 6.6). Nisso, devemos aprender com Jesus:

"De manhã bem cedo, quando ainda estava escuro, Jesus se levantou e foi para um lugar deserto, e ficou ali orando" (Mc 1.35) . . . *"Jesus saía a lugares desertos, e lá orava"* (Lc 5.16) . . . *"Jesus subiu a um monte para fazer oração, e passou a noite orando a Deus"* (Lc 6.12) . . . *"Depois de se despedir dos discípulos, subiu a um monte para orar"* (Mc 6.46) . . . *"Jesus estava sozinho, orando"* (Lc 9.18).

Esse encontro com Deus na solidão é terrivelmente libertador. Terrível, porque nos coloca diante de nós mesmos: faz-

-nos perceber o quanto temos sido moldados pelos figurinos da iniquidade estruturada em sistema. Permite-nos tomar consciência das escravidões a que estão submetidos os nossos sentidos: os agrados que já não conseguimos negar aos olhos, os alimentos que subjagam o nosso paladar, a sensualidade que nos faz contemplar o outro como objeto, certos apegos e preferências das quais dependemos. Há uma divisão dentro de nós: de um lado, anunciamos o advento de um homem novo, desalienado, cuja existência esteja plenamente adequada à sua essência. De outro, alimentamos de caprichos o nosso homem velho, alienando-o em pequenas coisas que vão ganhando proporção e aprofundando a contradição entre a nossa essência, moldada por Deus, e a nossa existência pecadora. Todavia, a solidão é libertadora porque nos propicia um recuo autocrítico e nos estimula a iniciar, com o auxílio da graça, uma revolução em nossa vida pessoal.

A oração vocal é como uma fase de namoro: vamos sempre mais nos conhecendo em Deus. Mas, como em todo namoro, o compromisso ainda não amadureceu — fora dos momentos de oração, experimentamos uma certa aridez e, muitas vezes, a preguiça e o desânimo fazem com que fiquemos sem rezar. Sobretudo quando sofremos uma queda e nos julgamos indignos da condição de filhos de Deus. Preferimos, então, atolar-nos no pecado, recuarmos diante da falta de “*eficácia*” de nossa oração, a entregarmo-nos com humildade à misericórdia de Deus. Como se a oração fosse uma espécie de remédio às nossas fraquezas crônicas e não uma relação na qual somos colhidos, não pelos nossos méritos, mas pelo amor infinito do Pai.

“*Fiquem sempre vigiando e orando*” (Lc 21. 36). A oração exige perseverança. Ela brota fácil em nossos momentos de alegria, de festa, de gratidão diante do inesperado. No entanto, temos a tendência de abandoná-la, justamente, quando mais necessitados estamos dela. Em sua agonia, Jesus insiste com os discípulos: “*Orem, para que vocês não caiam em tentação*” (Lc 22. 40, 46). Ao nos colocar em contato com o Transcendente, a oração permite que a nossa visão de fé relativize as desgraças que nos ameaçam. Recusamos, então, as soluções imediatistas, nas quais o nosso orgulho fala mais alto que as exigências da realidade. E deixamos de temer essas exigências, mesmo quando somos sacrificados por elas, pois aceitamos o sentido que norteia a história em direção a um novo futuro.

Essa etapa inicial da oração, feita de fórmulas, de leituras ou na espontaneidade do nosso coração, incentiva a nossa au-

tocrítica na prática. Purifica-nos dos antigos vícios, amplia a nossa liberdade de espírito diante dos outros e do mundo. Perdemos a agressividade que encobre a nossa insegurança, julgamos com mais severidade a nós próprios do que aos outros. Descobrimos a nossa condição de criaturas diante do Criador. Tiramos a máscara do farisaísmo que nos prendia a um legalismo estéril e nos fazia antes representar do que viver.

Há, entretanto, outras etapas na vida de oração. Como quem come todos os dias a mesma comida, o cristão que permanece sempre nessa etapa inicial, acaba enfarado. Com o tempo, já não tem nenhuma vontade de rezar desse modo. Acredita, então, que está perdendo a fé ou o gosto pela oração — quando, justamente, havia chegado ao ponto adequado para dar um salto qualitativo em sua vida de fé e em sua prática de oração.

A oração mental

Talvez seja mais apropriado chamá-la de “*meditação*” ou “*oração do coração*” (12). Já não dependemos, para rezar, dos estímulos agradáveis aos nossos sentidos. A vida de oração como que se introjetou em nós. Passou das palavras, das leituras, da música, à nossa interioridade. Rezamos em silêncio: meditando a prática de Jesus, ruminando as suas palavras em nosso coração, pensando nas maravilhas operadas por Deus, contemplando a sua presença nas pedras, nos animais, nas estrelas, na evolução da natureza e na progressiva socialização da história humana (13). Sentimo-nos, agora, menos vulneráveis ao rodopio das imagens e dos sons. Vamos abandonando os figurinos da sociedade burguesa para ser o que somos na docilidade do Espírito. Ingressamos na esfera da liberdade.

A revolução purificadora iniciada em nossos sentidos, estende-se agora à nossa mente. Começamos a nos livrar dos fantasmas da ideologia dominante: o desejo de fama, de poder, e de prazer. Vamos ao encontro de nossa real identidade, de nosso próprio eu, que é o nosso ponto de encontro com Deus. Da imaginação, despimos as fantasias que a fazem bailar por toda sorte de salões dispersivos e os temores que atrofiaram a nossa liberdade no Espírito. Da razão, tiramos as suas se-

(12) T. Merton, *Poesia e Contemplação*, Agir, Rio, 1972, p. 107.

(13) P. Teilhard de Chardin, *Hymne de l'Univers*, Seuil, Paris, 1961.

guranças lógicas, cortamos os seus longos vôs discursivos, suprimimos a sua vontade de decifrar o Inefável. Da memória, apagamos as recordações que agradam ao homem velho que nos habita e fixam o nosso olhar no passado, atrasando a caminhada para o futuro. Perdemos os “grilos”, as angústias e as ansiedades. O *vazio* que se abre na mente, alarga e ilumina a nossa pureza de coração. Não deixamos de pensar, de dar asas à imaginação criadora, de recordar as boas lembranças e de saborear as fantasias do espírito — mas, agora, fazemos tudo isso de outro modo, purificados dos fantasmas que impediam a nossa concentração e o nosso silêncio interior.

Essa fase é como um noivado — ainda não chegamos ao compromisso definitivo, a entregar a vontade exclusivamente ao amor, mas experimentamos a sua presença em nós. Rezamos com o coração, sem palavras, sem raciocínios, sem imagens. Isso não significa que essas coisas não devam mais existir — com certeza são elas que nos incentivam a uma profundidade maior. Mas não é nelas que nos prendemos. Elas são apenas a porta pela qual entramos para um contato mais íntimo com o Mistério. Assim, conseguimos transformar os momentos de ociosidade da mente em momentos de oração: andando pela rua, observando a natureza, viajando no ônibus, aguardando na fila, participando da diversão.

Como a primeira etapa serve à purificação, essa serve à nossa iluminação, sem que, porém, deixemos de continuar a sofrer a morte do homem velho e o ressurgir do novo. A nossa fé se alarga e começamos a ver as pessoas e o povo, o país e o mundo, a natureza e o cosmo, os fatos e a história, com os olhos de Deus. Ao mesmo tempo, percebemos mais claramente a profundidade de nossas alienações sustentadas pelo comodismo, de nossas omissões provocadas pelo medo, de nossos pecados nutridos pelos costumes vigentes. E compreendemos que, de nada adianta o nosso esforço, se ele não estiver calcado numa confiança irrestrita em Deus, cujo Espírito opera em nós todas essas transformações.

Nessa fase ocorrem em nós dois fenômenos aparentemente contraditórios: em certos períodos, somos como que inteiramente “*tomados*” por Deus e experimentamos o fogo de seu amor. Nasce, então, em nosso interior, uma vibração evangélica como nunca antes havíamos conhecido, animada por uma alegria apaixonada. Anslamos pelos momentos de oração e sentimos vontade de “*perder*” longas horas sob o silêncio amoroso do Pai. Junto ao povo simples, “*vemos*” a face de Deus. Estar ali é estar com Cristo, é saborear uma comunhão indes-

critível, cuja força modifica o rumo da história. Sob o impacto dessa energia espiritual, mística, é inútil a mente querer apreender o que está se passando. Seria o mesmo que querer fixar o sol no espelho que o reflete.

Por outro lado, esses períodos em que nos sentimos “*tocados*” pelo Amor, são alternados por longos períodos em que experimentamos, literalmente, o que Jesus conheceu frente à proximidade da morte: o abandono de Deus. Todo o nosso interior torna-se árido. Sentimos uma secura que nada é capaz de aliviar. Não temos vontade de rezar ou de ler textos de espiritualidade. Temos a sensação de perda de fé e acreditamos perdido todo o percurso feito até aqui. A única coisa que nos dá alento é o engajamento junto aos pobres.

Ora, essa é a fase do desmame — é um bom sinal. Significa que os nossos sentidos e a nossa mente já não se satisfazem com coisa alguma que não seja o amor de Deus. Mas, como toda morte, é dolorosa. No entanto, é preciso confiar, pois o Espírito está purificando a nossa fé e libertando-a dos falsos apoios. Esse deserto nos faz conhecer as mesmas tentações que desafiaram Jesus. A beira da morte, sentimos a vertigem do abandono. Unimos a nossa súplica à de Jesus: “*Pai! Tudo te é possível. Afasta, pois, de mim este cálice de sofrimento*”. Porém, sem ceder a essa tortura do espírito, damos um salto na fé, acreditando que, do outro lado do abismo, nos espera a ressurreição: “*Não seja feito o que eu quero, mas o que tu queres*” (Mc 14.36).

Em tudo isso só há um caminho: o Cristo que nos manifesta o amor do Pai — não de uma maneira abstrata ou desencarnada — mas dentro do movimento histórico, da luta de classes, do confronto ideológico, do combate das forças da morte com as forças da vida. Amor encarnado, datado, engajado. Mesmo sem sede, não devemos deixar de beber nas fontes do Evangelho. E, no momento em que o Senhor nos provar na *noite escura*, talvez nos reste a pista de querer agir como Jesus agiria e viver como Jesus viveria.

A oração contemplativa

Pelo que nos narram os místicos, nessa etapa da vida de oração, o cristão encontra-se inteiramente transformado no amor de Deus que o habita (14). Seus sentidos, sua mente,

(14) S. J. da Cruz, *Chama de Amor Viva*, 2.a ed. do Carmelo de São José, Fátima, 1947.

todas as suas faculdades foram purificadas pelo fogo. Sua visão torna-se *diáfana*, ou seja, a presença libertadora do Cristo lhe aparece através do cosmo, da matéria, da história. Dessa ótica do Espírito é que brota um "*Hino ao Irmão Sol*", de São Francisco de Assis ou um "*Hino à Matéria*", de Teilhard de Chardin (15). Todas as coisas revelam, em sua transparência, a presença divina (16).

Pela força do conteúdo crítico de sua fé, enraizado em sua vontade, o cristão sente-se livre das tentações burguesas e encontra o seu maior prazer junto à gente humilde. O homem do futuro antecipou-se em sua vida. Sua inteligência está adequada à sua vontade, o que ele quer é o que faz, não há mais contradição entre a sua crença e o seu amor, a sua teoria e a sua práxis. Os valores autênticos do povo foram assumidos como seus valores. Seu espírito é o Espírito de Deus e ele pode exclamar como São Paulo: "*Já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim*" (Gl 2.20).

É como ver o invisível (Hb 11.27). Mas o Antigo Testamento lembra que "*ninguém pode ver a Deus sem morrer*" (Gn 33.20). Por isso, essa contemplação na fé exige, como preço, a morte de nossos caprichos, da posse privada de nós mesmos e dos outros, de nossas tendências que nos tornam mais próximos ao opressor que ao oprimido. Conseguimos isso por obra do Espírito, que nos faz "*adorar o Pai em espírito e em verdade*" (Jo 4.23). Já não oramos, mas toda a nossa vida é um ato de oração, é sacramento da ação de Deus na história humana. A luz de sua palavra nos penetra sem encontrar resistência. Dentre a complexidade de nossas tarefas pastorais e políticas, não conseguimos viver senão para amar, por amor e no amor.

Essa é a etapa das núpcias, na qual só penetram os que se abandonam nas mãos de Deus e nos caminhos do povo, convictos da afirmação de Jesus a Nicodemos: "*Não se admire de eu dizer que todos vocês precisam nascer de novo*" (Jo 3.7). Essa fase não dispensa a oração vocal, a meditação ou a leitura do Evangelho. Porém, quando "*comungamos*" com a nossa intimidade, sentimos uma paz e um bem-estar que dispensam palavras e pensamentos. Experimentamos, intimamente, a saciedade. Se Deus está mais próximo de nós, do que nós de nós mesmos, segundo Santo Agostinho, não há razão para

(15) S. Boaventura e T. de Chardin, *Itinerário do Cosmo ao Ômega*, Vozes, Petrópolis, 1968.

(16) S. Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*, 1.^a ed., Porto Alegre, 1966, pp. 145-149.

ficarmos preocupados em falar quando estamos em comunhão com ele. Nem há razão para ficarmos pensando a seu respeito. Basta a entrega amorosa, silenciosa e farta.

Viver nesse clima de oração não nos arranca do pecado, nem nos livra do perigo de aburguesamento. Porém, torna o amor misericordioso de Deus efetivamente eficaz em nossa vida. A pessoa que se identifica com a causa dos mais simples, experimenta Deus como a força do amor que ele suscita nela. Essa experiência escapa a todas as nossas faculdades — a pessoa a assume como a planta que se deixa aquecer pelo sol ou molhar pela chuva. Deus não nos ama como nós amamos, em busca de alguém que nos complete. Seu amor por nós é sempre primeiro e gratuito. Ele ama porque o seu ser é Amor. Ama por plenitude, e não porque possamos completá-lo em alguma coisa. Por ser Amor, ele cria o objeto sobre o qual o seu amor se exerce: a pessoa — e a dota de uma natureza tal, que ela pode conhecê-lo, amá-lo e penetrar em sua intimidade divina.

A criação artística dá uma idéia aproximada do que seja o amor de Deus que o contemplativo experimenta: é de sua própria plenitude interior que o artista produz a sua obra. Em seguida, ele a contempla com profunda admiração. . .

Muitas pessoas, sobretudo as mais simples, vivem de modo radicalmente místico, na medida em que simplesmente "*praticam*" a presença de Deus nelas, em sua abertura aos outros, em suas tarefas diárias, sem pensamentos formalmente religiosos sobre ele. Não há exercício, penitência ou método que possa provocar a irrupção de Deus em nossa vida. O único modelo é Jesus de Nazaré, no qual a união com o Pai está intimamente ligada à união com o povo. Deus manifesta a plenitude de seu amor na história humana, assumindo a condição de um trabalhador palestinese, que participa ativamente das esperanças de seu povo num mundo novo. A partir de Jesus, a transformação da história em busca do Reino de justiça, é o caminho que nos abre à intimidade com Deus. Foi assim que "*o Filho único, que é o mesmo que Deus, e está perto do Pai, nos mostrou quem é Deus*" (Jo 1.18).

Vejamos agora as três dimensões da *oração comunitária*, sobretudo quando celebrada em pequenos grupos.

A oração de súplica

Há muitas formas de oração que exprimem nossa súplica a Deus: a oração de intercessão, de impreciação, de expiação, etc. Porém, nossa mentalidade científica alimenta um certo preconceito em relação à oração de súplica. Não nos atrevemos mais a pedir a Deus uma boa colheita ou que faça descer a chuva sobre nós. Compreendemos que a gente simples continue a rezar assim, por força de sua religiosidade *“entremuada de magia”*. Alguns dizem:

“Nós que somos letrados, não devemos esperar, ingenuamente, que Deus interfira no curso da natureza. Afinal, a natureza tem as suas leis próprias que só a técnica humana pode alterar”.

Isso não se aplica quando passamos da esfera da natureza para a esfera da sociedade. Em nossas celebrações, rezamos pela libertação do povo, pelos favelados ameaçados de despejo, pelos encarcerados. Mas a história não possui também, à semelhança da natureza, suas leis e determinações já conhecidas pela ciência? Dentro dessa aparente contradição, o fato é que continuamos a falar a Deus de nossas necessidades. Só que nossas necessidades não coincidem mais com as necessidades reais e prioritárias dos camponeses.

O Evangelho insiste sobre a oração de súplica, como se quizesse vencer as resistências de nossa racionalidade:

“Peçam, e receberão. Procurem, e acharão. Batam, e a porta se abrirá. Porque todos os que pedem, recebem; e aqueles que procuram, acham. E a porta se abre para quem bate. Acaso algum de vocês que é pai será capaz de dar uma cobra ao seu filho, quando ele pede peixe? Ou se ele pede um ovo, vai lhe dar um escorpião? Vocês, mesmo sendo maus, sabem dar coisas boas aos seus filhos. Quanto mais o Pai que está no céu dará o Espírito Santo àqueles que pedirem!” (Lc 11.9-13).

Contudo, é preciso orar com fé, sem duvidar do poder de Deus: *“Se crerem, receberão o que pediram em oração”* (Mt 21.22).

O *“Pai nosso”* é uma oração de súplica. Nela predominam as nossas necessidades, em vista das quais nos colocamos como frágeis criaturas diante do Criador. Em algumas comunidades o *“Pai nosso”* é rezado com as palmas das mãos para o alto, em atitude de humilde petição perante aquele que nos conduz à libertação do mal pela proximidade de seu Reino. Em outras comunidades, as pessoas se dão as mãos, em sinal da fraternidade que as une sob o mesmo Pai que dá o pão e o perdão.

O domínio científico e técnico da natureza, econômico e político da sociedade, nos faz desconfiar da oração de súplica. Deus não é mais aquele que nos protege das ameaças naturais. Não é o substituto de nossa impotência social ou política. Mas é o Deus da gratuidade e do amor, que desafia a nossa auto-suficiência. Ao expor as nossas súplicas na comunidade, não estamos apenas nos colocando diante dele assim como somos, com nossas carências e limitações. Estamos também reconhecendo algo de muito importante: Esta realidade em que vivemos ainda não é o Reino anunciado por Jesus. Por isso não podemos ser cúmplices daqueles que julgam essa realidade boa, definitiva e justa. Este não é o mundo que Deus projetou para a pessoa: por isso, devemos modificá-lo. A nossa súplica comunitária tem caráter profético, é crítica, denuncia o presente e anuncia o futuro. Da oração da comunidade emerge em nós a consciência de que Deus não deseja para nós esse estado de coisas. Ele é o Deus da justiça e da liberdade e só podemos santificar o seu nome promovendo a justiça e a liberdade.

A oração de súplica é o grito de protesto da comunidade contra a desordem estabelecida. Como imprecação, é o anseio profundo de que a justiça divina caia, quanto antes, sobre os nossos inimigos (Sl 136.9; Jer 18.19-23). É o clamor a Deus para que *“venha a nós o Vosso Reino”*. É a proclamação de que os poderes da morte ainda nos ameaçam. Esse grito não ecoa em vão. Não fica sem resposta. Deus é sensível aos clamores de seu povo. Suscita em nós a coragem da libertação, dá-nos a força de seu amor que faz novas todas as coisas e sacia a nossa fome e sede de justiça.

Ao mesmo tempo, na oração de súplica nos colocamos numa situação de futuro que ainda não existe. Ingressamos na esfera da utopia e da fantasia, na qual vislumbramos a nova terra e o novo céu assegurados pela Promessa. Irma-

namo-nos a todos aqueles que caminham conosco na mesma direção. Pedimos por eles, nos identificamos com as suas esperanças, somos solidários às suas lutas. Falamos de um futuro em que todas as necessidades estarão satisfeitas, e todos os sofrimentos, eliminados. Essa intercessão revela o nosso amor pelos outros, a ponto de pedirmos o milagre — ou seja, a alteração, por Deus, do curso normal das coisas. Assim, manifestamos nossa fraternidade e a crença na bondade e na paternidade de Deus.

Ao mesmo tempo em que a oração de súplica nos faz tomar consciência dos sinais de pecado na história, esse seu caráter penitencial ressoa sobre a comunidade. Fazemos a oração de expiação. A comunidade reconhece a sua omissão, o seu medo, as suas faltas perante o projeto de construção do Reino. Suplica o perdão do Pai e dos irmãos. Confessa-se disposta a mudar de mentalidade e de vida, de valores e de hábitos, para que a vontade libertadora do Pai, inscrita na rota da história, *“seja feita assim na terra como no céu”*.

Para o cristão arrependido, voltado para o futuro, este não é uma continuação do passado ou um prolongamento do presente: é ruptura, *metanóia*, conversão. O futuro é uma realidade qualitativamente diferente dessa que vivemos agora. Só o homem novo poderá nele ingressar. Nessa oração penitencial, atestamos que as pessoas são sempre livres para começar de novo. Não há nenhuma situação acabada ou esgotada. Não estamos atrelados a um destino implacável. Somos peregrinos de uma Promessa e a direção de nossa caminhada é traçada por aquele no qual a história encontra o seu termo. Por isso, a oração de súplica é sempre uma celebração da esperança.

A oração de louvor

Diante de certos acontecimentos, toda a comunidade experimenta uma profunda alegria no Espírito. Sente-se mais unida e deseja expressar essa vibração que o coração não pode conter e as palavras não conseguem traduzir. O louvor ao Pai, de quem recebemos todos os dons, brota dos nossos lábios em forma de cantos, poesias ou exclamações admiráveis. Agradecemos a vida, a comunhão que nos une ao povo, a fé que nos revela o fundamento do amor.

Essa oração se dá no nível da festa e da fantasia. A festa nos faz celebrar os acontecimentos mais significativos do passado, coisas sentidas, reconhecidas e assumidas no presente. A fantasia nos faz encarar a vida por múltiplos ângulos e alternativas, estimula à conversa, atualiza a novidade. A festa é sempre *memória* do processo dinâmico da vida: a data do aniversário, o dia da Páscoa, a comemoração de um fato nacional. A fantasia é sempre *projeto* que afirma a perenidade da vida, rasgando as fronteiras do presente: as relações idílicas do carnaval, a celebração da utopia, o reino colorido do faz-de-conta.

A alegria é um dom do Espírito (Gl 5.22). Na oração de louvor a comunidade faz de sua alegria um sinal visível do Espírito aí presente. Nosso coração derrama-se em expressões que a própria razão desconhece. É a linguagem do amor, que não se prende a esquemas, mas se exprime pelo sussurro, pelo canto, pelo batuque dos tambores, pelo brilho do olhar, pelo silêncio repleto de paz agradecida. Louvamos ao Pai por nos sentirmos amados, perdoados e libertados.

Os dois primeiros capítulos do evangelho de São Lucas nos apresentam as mais belas orações de louvor: o Magnificat (1.46-55), o Benedictus (1.68-79), o louvor dos anjos que dão glória a Deus e desejam "*paz na terra aos homens a quem ele quer bem*" (2.14), a alegria de Simeão por ter visto o Salvador (2.29-32). Esses hinos celebram a libertação manifestada por Deus. Ao mesmo tempo, os cantos de Maria e de Zacarias são memória feliz da justiça divina na história e anúncio profético de um futuro livre.

No mundo em que vivemos, nem a alegria escapa às garras do sistema capitalista. Ela deixa de ser espontânea, gratuita, para transformar-se num produto de consumo, num lazer artificial tabelado no mercado ou num luxo só acessível aos mais ricos. A Páscoa, o Natal, o dia das mães ou o aniversário tornam-se ocasiões formais, em que a troca de presentes parece querer encobrir a falta do dom de si, e a obrigatoriedade de uma certa alegria nos causa profunda tristeza.

Nesse contexto, o louvor da comunidade reunida, centrada naquele a quem não podemos dar senão a nossa vida, repercute como um violento desafio. Restabelece a reciprocidade do amor entre as pessoas. Cria um espaço de liberdade que desnuda e ameaça a opressão circundante. Afirma a primazia da vida onde querem semear a morte. Inaugura a festa que não se faz do consumo de produtos, mas da entrega de vidas pelo Espírito.

Na vida, quando queremos expressar alegria, dançamos, batemos palmas, nos abraçamos. Por isso, não faz sentido uma celebração de louvor apagada pela timidez, arrastada pelo silêncio mudo, asfisiada pelo formalismo litúrgico. Centrada na Fonte da felicidade humana, essa oração deve ser lúdica, jovial, descontraída. Textos litúrgicos do século IV recomendavam que os coros de crianças não só cantassem, mas fossem acompanhados de instrumentos musicais, danças e guizos. Era uma evocação dos bailados angélicos. Clemente de Alexandria e Eusébio de Cesaréia narram como os primeiros cristãos gostavam de dançar diante de Deus.

Dançavam nos lugares de culto e nos adros das igrejas. Dançavam nas festas dos santos e nos cemitérios, junto aos túmulos dos mártires. Homens, mulheres e crianças dançavam diante do Senhor e uns com os outros, afirma Harvey Cox (17).

Para a lógica do sistema a mais paradoxal oração de louvor é a oração na perseguição. Os apóstolos saíam da prisão alegres, *por que Deus os havia achado dignos de sofrer insultos pelo nome de Jesus*" (At 5.41). A comunidade cristã experimenta a perseguição como um sinal feliz de sua não-cumplicidade com as forças dominantes injustas. Por isso, ela é celebrada como a maior das bem-aventuranças (Mt 5.11) (18).

A oração eucarística

Não faz sentido celebrar "o amor ou "a liberdade". O cristianismo não celebra abstrações. Celebra o amor que une o povo na comunidade ou a libertação dos hebreus do Egito. O cristianismo e o judaísmo fazem suas celebrações inseridas na história, centradas em pessoas e acontecimentos bem concretos, e não em opiniões, idéias ou exortações abstratas. Como memória, profecia e promessa, a celebração é novidade (na perspectiva da fé), liberdade (na perspectiva da esperança) e comunhão (na perspectiva da caridade).

A comunidade reunida para participar da ceia do Senhor, celebra a sua morte e a sua ressurreição. Reafirma, a cada vez, essa memória perigosa para os poderes dominantes: a vida

(17) H. Cox, *A Festa dos Foliões*, Petrópolis, Vozes, 1974, p. 55.

(18) I. Lesbaupin, *A Bem-Aventurança da Perseguição*, Petrópolis, Vozes, 1975.

sempre haverá de prevalecer sobre a morte. Aquele que foi condenado pelo poder judaico e assassinado na cruz pelo poder romano, reina e vive, e nós o conhecemos pela fé. Reunidos em seu nome, temos a certeza de que ele está entre nós.

A oração eucarística se faz em torno da comida e da bebida, do pão e do vinho. O trigo morreu para nos dar o pão, a uva foi esmagada para nos dar o vinho. Eis a dialética morte-ressurreição que movimenta a história. Em torno da mesa recebemos o alimento que nutre a nossa vida. Mas a vida não nos é dada só pelo pão, mas também pela palavra (Mt 4.4). O diálogo da comunidade traduz as insinuações do Espírito e nos fortalece. É nesse movimento que o Cristo se introduz, tornando-se ele próprio alimento para a nossa vida, pão e palavra. Como nos mostra o episódio de Emaús, onde o pão é repartido o Cristo se faz presente e os nossos olhos são abertos (Lc 24.30,31).

“Tomai e comei, isto é o meu corpo”. O alimento, fruto da natureza e do trabalho do homem, torna-se por obra de Cristo a sua própria vida que alimenta a nossa vida. Na comunidade que partilha a sua vida com os outros, Cristo partilha a sua vida com todos. *“Fazei isto em minha memória”*. Assim como ele entregou a sua vida pela nossa libertação, devemos fazer o mesmo — entregar a nossa vida para que outros se tornem livres. Tornar o nosso corpo e o nosso sangue alimentos para outras vida. Seremos, então, hóstias vivas.

Nada mais fundamental na vida de uma pessoa do que a comida e a bebida. Sem isso, nada mais pode ela. A história se divide nos diversos modos pelos quais as sociedades humanas produzem, distribuem e consomem os bens materiais necessários à sua existência, principalmente a comida e a bebida. É injusta toda ordem social em que a comida e bebida são apropriadas por uns, em prejuízo da maioria. Eis a denúncia feita pela oração eucarística, na qual todos têm acesso à mesma comida e à mesma bebida, exceto os que estão em pecado. Pois, quem não partilha os seus bens, não tem o direito de celebrar essa partilha de vidas (At 4.32-37; 5.1-11).

Por outro lado, a oração eucarística é o anúncio de uma nova ordem das coisas, em que todos terão o mesmo direito ao pão e à palavra. A mesa da celebração é o prenúncio do tempo em que estaremos todos reunidos como irmãos, em torno do mesmo Pai, usufruindo igualmente dos bens da natureza e dos frutos do trabalho humano.

Na eucaristia fazemos a experiência da contemplação em escala social. A nossa comunhão é o sinal da comunhão de Deus com todos aqueles que comungam seus bens e suas vidas. Os sinais sensíveis desse amor são os produtos de nossa atividade, os resultados de nossa ação, a verdade de nossas palavras, colocadas em comum. Essa comunhão nos faz assumir nossa dimensão social, como membros efetivos de uma comunidade. Nessa integração da oração com a ação, mergulhamos em nosso mistério pessoal, no mistério dos acontecimentos históricos e, no espaço de nossas relações com o mundo e com o povo, no mistério do Deus vivo. Acolhemos toda a criação de Deus, na qual nos é dada a tarefa de dominar, transformar e aperfeiçoar (Gn 1.28), para que todos sejam felizes.

Esse fermento do Reino, antecipado e celebrado na vitória da Vida sobre a morte, penetra e dilata o seio da história engravidada pelo Amor.

*Cantarei ao Senhor que se fez famoso
atirando ao mar o cavalo e o seu cavaleiro.
Guiaste com amor o povo que resgataste
ouviram isto os povos e se assustaram.*

Pavor e espanto caiu sobre eles

*Diante da força de teu braço que fiquem calados
mudos como pedras até que passe o teu povo, Senhor,
até que passe o povo que adquiriste!*

Que o Senhor reine eternamente!

Senhor, Deus grande e terrível, que guardas a Aliança e o amor com os que te amam e observam teus mandamentos. Nós temos sido maus e rebeldes e nos afastamos de teus mandamentos e de tuas leis. Não escutamos a teus servos os profetas que em teu nome falavam a nossos reis, a nossos chefes, a nossos pais e a todo o povo do país. Senhor, a ti a justiça, a nós o rosto cheio de vergonha, como sucede hoje. Todo Israel desrespeitou tua lei. Veio sobre nós uma calamidade tremenda. Senhor, escuta! Senhor, perdoa! Senhor, atende! Age, Deus meu, não tardes mais, por amor de ti mesmo, já que teu nome é invocado sobre a tua cidade e sobre o teu povo.

Que nossos filhos sejam em sua juventude como plantas frondosas e nossa filhas como pedras angulares talhadas para palácios!

*Que nossos celeiros estejam cheios,
repletos de toda sorte de alimentos!*

*Que não haja invasão nem destruição,
nem se ouça lamento em nossas praças.*

*Ditoso o povo que se alegra assim,
Ditoso o povo cujo Deus é o Senhor.*

*Não ponhas a tua confiança nos que governam
nem no mortal que não pode salvar-te.*

*A terra volta quando expira
e nesse dia se acabam os seus projetos.*

*Ditoso aquele que conta com a ajuda do Senhor de Jacó.
e põe a sua esperança no Senhor, seu Deus!*

*Ele jamais muda a sua lealdade
e dá a sua justiça aos oprimidos,
oferece pão aos famintos,
livra dos cárceres os presos.*

O Senhor abre os olhos aos cegos.

NOSSOS SUPLEMENTOS

Desde agosto de 1972

- 01 Religião (esgotado)
- 02 Igreja
- 03 Salvação Hoje (Conferência de Banguetocoque)
- 04 Ressurreição (Sermões de B. Schumann)
- 05 Evangelização
- 06 Reino de Deus (esgotado)
- 07 Esperança (Sermões de B. Schumann)
- 08 Missão Profética (I)
- 09 Missão Profética (II)
- 10 Libertação
- 11 Pastoral (esgotado)
- 12 Religiosidade Popular (I)
- 13 Religiosidade Popular (II)
- 14 Jesus Cristo Liberta e Une (esgotado)
- 15 Direitos Humanos (esgotado)
- 16 Reconciliação
- 17 Educação Popular

Os exemplares atrasados podem ser adquiridos ao preço unitário de Cr\$ 10,00. Para quantidades superiores a dez exemplares, Cr\$ 7,00.



Os nossos leitores são pessoas atentas aos fatos que hoje fazem história. Por outro lado as nossas publicações tentam oferecer a eles uma visão de mundo sob a perspectiva de Igreja. Qualquer um que se inclua entre nossos assinantes receberá com regularidade quatro tipos de publicações:

BOLETIM MENSAL — Seleção de notícias de periódicos nacionais e estrangeiros que nem sempre se encontram na grande imprensa.

SUPLEMENTO TRIMESTRAL — Discussão de temas básicos da pastoral, com o intuito de oferecer subsídios para os serviços das comunidades locais.

DOCUMENTOS — Material de reflexão e consulta oriundo de instituições dedicadas à promoção de uma sociedade mais humana e mais justa.

BÍBLIA-HOJE — Estudos bíblicos preparados por exegetas e bíblicistas dentre alguns nacionais e estrangeiros. Uma perspectiva bíblica dos fatos e das situações contemporâneas.

Além dessa regularidade com que vimos funcionando e oferecendo materiais de valor constante, ainda, ocasionalmente, distribuímos outras publicações na mesma linha de uma consciência cristã esclarecida e consciente. Mande-nos seu endereço e lhe enviaremos por um período limitado nossas publicações, ou então faça-se nosso assinante e inclua-se desde já entre os nossos leitores regulares.

LEIA, DIVULGUE E SEJA ASSINANTE DO CEI

Escreva para **TEMPO E PRESENÇA EDITORA LTDA.**

Caixa Postal 16.082 — ZC-01
20.000 — Rio de Janeiro — RJ